

# Sexualidade

## NESTA EDIÇÃO:

- Gênero, sexualidade e direitos sexuais: uma visão geral
- Iniciativa Poder das Garotas na Nigéria
- Dois gêneros são suficientes? O Museu da Travesti no Peru

A sexualidade pode trazer sofrimentos como violência sexual, HIV/Aids, mortalidade materna, mutilação genital feminina ou marginalização daquelas pessoas que violam as regras, tais como homens que não são machos, mulheres solteiras, viúvas que se casam de novo, trabalhadores e trabalhadoras do sexo, pessoas com sexualidades orientadas para o mesmo sexo e pessoas trans. A sexualidade também pode trazer alegria, afirmação, intimidade e bem-estar. Como tornar possível mais alegria e menos sofrimento? Este *In Brief* (Em Resumo), busca inspirar uma reflexão sobre esta questão oferecendo: uma visão geral do debate e recomendações sobre gênero, sexualidade e direitos sexuais; um artigo sobre o programa de educação em sexualidade da Iniciativa Poder das Garotas na Nigéria, e um tópico sobre o Museu da Travesti, que promove os direitos das pessoas trans no Peru.

## Gênero, sexualidade e direitos sexuais: uma visão geral

SUSIE JOLLY, BRIDGE, e PINAR IKKARACAN, *Mulheres pelos Direitos Humanos da Mulher*

**T**ODOS...ME AVISARAM...que os homens iam me assediar com grande prazer. Assim, o ônus

de preservar a moralidade dos homens recaía sobre mim. Os professores eram mais engraçados. Nos

mostravam filmes assustadores de infecções sexualmente transmissíveis, com vaginas

escancaradas, infestadas de feridas, que pareciam

terrivelmente diferentes de tudo que conhecia. Não diziam como essa "transformação" tinha acontecido.

A mensagem implícita era virgindade, virgindade, virgindade; não para mim, mas para o marido que

me amaria para sempre e para meus pais – entenda-se, meu pai –, que tanto dinheiro ganharia

de meu noivo mítico.

*Everforce Wm, 2004:13*

Por que o gênero e a sexualidade são importantes para os formuladores de políticas, profissionais e ativistas? A sexualidade e o gênero podem fazer um enorme diferença na vida das pessoas, em termos da distância entre o bem-estar e o mal-estar e, algumas vezes, entre a vida e a morte. As ideologias que defendem que as mulheres devem ser puras, castas e virgens até o casamento podem levar à mutilação genital feminina, aos crimes de honra e às restrições da mobilidade das mulheres, assim como da sua participação econômica e política. As idéias de que os homens devem ser "machos" podem significar que a violência sexual dos homens é algo natural e esperado e não uma atitude que dever ser condenada. As desigualdades

**Organização Mundial da Saúde, Definições de Trabalho**

Há muita diversidade no que diz respeito à compreensão da sexualidade e dos direitos sexuais (para mais informações, veja a Coleção de Recursos de Apoio; os detalhes estão na última página deste boletim). Em 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reuniu um grupo de especialistas de diversas regiões para concretizar definições trabalho. Os resultados estão abaixo.

**Sexualidade**

A sexualidade é um aspecto central do ser humano durante sua vida e compreende o sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.

**Direitos sexuais**

O direitos sexuais abrangem direitos humanos já reconhecidos por leis nacionais, documentos internacionais sobre direitos humanos e outras declarações consensuais. Isso inclui o direito de toda

entre os gêneros e os tabus em torno da sexualidade podem agravar a disseminação do HIV/AIDS. Ainda hoje 68.000 mulheres morrem por ano por causa de abortos ilegais (Organização Mundial da Saúde, 2005). Em muitos lugares, para ser considerado um "homem adequado" ou uma "mulher adequada", você precisa agir 100% como heterossexual, obedecendo aos estereótipos de gênero. Portanto, ser lesbica, gay, bissexual ou "trans" pode resultar em marginalização ou violência (Samelius e Wagberg, 2005).

No entanto, se a sexualidade tem repercussões relacionadas à pobreza, marginalização e morte, pode também levar à alegria, satisfação e bem-estar e melhorar as relações humanas com intimidade ou prazer compartilhados. Na verdade, o sexo pode ser um espaço da vida onde as mulheres estão livres das pressões da reputação e podem satisfazer plenamente seus desejos, os homens podem desfrutar sua vulnerabilidade e as pessoas trans afirmarem seu senso de identidade com amantes que as vejam como desejam ser vistas.

Como podem ser contadas as ideologias dominantes de gênero em torno da sexualidade? Como a satisfação, bem-estar e prazer podem se tornar possíveis para mais pessoas? Os direitos sexuais são uma resposta. Os direitos sexuais são um marco de referência promissor porque já têm alguma influência, tendo surgido a partir de anos de mobilização de ativistas de direitos no Sul e no Norte (mulheres, lesbicas, gays, bissexuais e pessoas trans; pessoas vivendo com HIV/AIDS; e trabalhadoras e trabalhadoras do sexo). Além disso, o marco referencial dos direitos sexuais pode ajudar a identificar os vínculos entre os diferentes temas da sexualidade, criando as bases de uma aliança ampla e diversa. Os direitos sexuais podem incluir tanto o direito de não sofrer violência e coerção em relação à sexualidade como também o de explorar e buscar prazeres, desejos e satisfação.

Na década de 1990, foram feitos acordos muito importantes nas Nações Unidas (Viena, Cairo e Pequim) sobre os direitos humanos relacionados à sexualidade. Desde

direitos sexuais dos próprios homens. Além disso, as pessoas trans estão se mobilizando, como exemplificado pelo Museu da Travesti no Peru, apresentado neste boletim. Estão sendo forjadas novas alianças que assumem um enfoque integrado em relação à sexualidade, como a Coalizão pelos Direitos Sexuais e Corporais nas Sociedades Muçulmanas, fundada em 2001 e constituída de mais de 60 ativistas de ONGs e acadêmicos(as) do Oriente Médio, África do Norte, Ásia Meridional e Sudeste Asiático, incluindo pessoas que trabalham com os direitos das mulheres, educação gay, bissexuais e pessoas trans, HIV/AIDS e saúde sexual e reprodutiva. A rede tem permitido que as pessoas enxerguem além de seu próprio tema e visualizem as interconexões com os outros temas, avançando para construir um movimento comum pelos direitos sexuais.

**Recomendações**

Instituições internacionais, governos, ONGs, agências de desenvolvimento, movimentos

**A** CREDITO QUE sou a dona de meu corpo, tenho o controle e devo tomar

todas as decisões.

*Pearl Osakue, socióloga de 23 anos e formada pela GPI*

... na GPI, eu [aprendi] que tinha direitos ...

ninguém merece ser estuproada, mulheres e homens são iguais e ninguém é inferior ao outro. Também aprendi a confiar em mim mesma. A GPI é um local onde você pode expressar sua opinião e alguém vai escutar e estar pronta para responder suas perguntas ...

*Merylyn Okwechime, formada pela GPI*

Hoje na Nigéria, as garotas são muito

pressionadas para fazer sexo – por seus

namorados, seus pares ou em troca de

coisas que necessitam. Contudo, há também

uma enorme pressão para não fazer sexo –

de parte de pais ansiosos para que as jovens

permaneçam virgens até o casamento, de

parte das Igrejas, professores e, finalmente, a

pressão dos programas de abstinência. Os

EUA por meio da assistência financeira para

a prevenção de HIV/AIDS promovem

educação focalizada somente na abstinência

e o ressurgimento de doutrinas cristãs

conservadoras em partes da África reforçam

esse esforço vigoroso. O teste de virgindade

para as jovens também vem reaparecendo

em algumas áreas. Isso envolve riscos para a

saúde física e emocional das moças

submetidas ao teste, que é visto como forma

de evitar a infecção do HIV, dando às

pessoas a falsa impressão de que não

precisam utilizar a camisinha.

Na verdade, há boas razões para as

meninas mais jovens evitarem o sexo: a

contaminação do HIV/AIDS ou de outra

infecção sexualmente transmissível, risco de

gravidez e de abandonar a escola e terminar

na pobreza. Entretanto, esses riscos podem

ser grandemente reduzidos com o uso da

camisinha. Além disso, quaisquer que sejam

as pressões, algumas garotas decidem pela

prática sexual. Na GPI, afirmamos "tome sua

decisão, mais se não estiver pronta para

comprar uma camisinha, você não está

pronta para o sexo".  
Uma das aulas é sobre preservativos: sua

## Plataforma de Ação de Pequim,

parágrafo 96

Os direitos humanos das mulheres incluem seu direito de controle e decisão,

de forma livre e responsável, sobre

questões relacionadas à sexualidade,

incluindo-se a saúde sexual e reprodutiva,

livre de coerção, discriminação e

violência. A igualdade entre mulheres e

homens no que diz respeito à relação

sexual e reprodução, incluindo-se o

respeito à integridade, requer respeito

muito, consentimento e divisão de

responsabilidades pelos comportamentos

sexuais e suas consequências.

## A Plataforma de Ação de Pequim foi

adotada na IV Conferência Mundial das

Nações Unidas sobre a Mulher, Pequim,

1995. O texto completo em inglês pode ser

encontrado em:

<http://www.un.org/womenwatch/daw/bej11/ng/plaform/>

Este artigo resume o *Overview Report on*

'Gender and Sexuality' (Relatório Geral sobre

Gênero e Sexualidade) – ver detalhes

completos na última página deste boletim.

SUSIE JOLEY é Técnica de Comunicação do

BRIDGE, Institute of Development Studies,

University of Sussex, Brighton, BN1 9RE

*e-mail: bridge@ids.ac.uk.*

PINAR IKKARACAN é coordenadora de

Women for Women's Human Rights

(Mulheres pelos Direitos Humanos da

Mulher),

New Ways Foundation, İnönü Caddesi,

37/6 Saadet Apt. Çimnifışyru, 80090,

Istambul, Turquia.

*Tel: +90 212 251 00 29*

*Fax: +90 212 251 00 65*

*e-mail: http://www.wwhr.org*

de mulheres, ativistas de direitos humanos e

outras pessoas têm um papel vital no

sentido de contribuir para um maior bem-

estar, apoiando os direitos sexuais das

seguintes formas:

• Reconhecer a importância da sexualidade

e direitos sexuais na vida das pessoas.

• Reconhecer que a sexualidade é mais do

que uma questão de saúde e violência.

• Identificar as interconexões com o bem-

estar e o mal-estar, riqueza e pobreza,

integração e marginalização, e a importância

da sexualidade nas lutas políticas.

*Assumir um enfoque inclusivo, positivo e de*

*gênero em relação à sexualidade*

• Reconhecer os vínculos entre os diferentes

temas da sexualidade. Apoiar os enfoques

integrados da sexualidade, que contestam as

estruturas de gênero, raça, classe e outras

estruturas de poder.

• Reforçar os movimentos de direitos

sexuais inclusivos, apoiando alianças entre

grupos diferentes e, ao mesmo tempo,

contestando a desigualdade entre os gêneros

e outras desigualdades no interior desses

grupos e entre eles.

• Assumir um enfoque inclusivo e de

gênero em relação aos direitos sexuais para

todos – mulheres que podem ter seu direitos

negados por causa de desigualdade entre os

gêneros, pessoas trans cuja própria

existência pode ser ignorada e homens

heterossexuais que supostamente não

necessitam de direitos pois se pressupõe que

já possuem todos os direitos.

• Ir além dos direitos que dizem respeito a

uma vida livre de violência e apoiar também

direitos positivos e direitos ao prazer.

Retirar inspiração das iniciativas estimulantes

que já estão acontecendo e se ligar a elas.

# das Garotas (GPI) na Nigéria

BENE MADUNAGU, GPI



Garotas da GPI numa manifestação em favor da educação da sexualidade

validade, como guardar, como verificar se ainda estão bons para o uso, como ter coragem de sair e comprar, etc. Porém, as aulas vão muito além dos preservativos. O programa da GPI forma garotas de 10 a 19 anos durante três anos, em sessões de quatro horas uma vez por semana. O currículo inclui módulos sobre habilidades pessoais, saúde sexual, crescimento e desenvolvimento humano, sociedade e cultura, gênero, direitos humanos, relacionamentos, violência baseada no gênero e conhecimentos econômicos. Em lugar de enfatizar a vulnerabilidade das jovens, este enfoque empodera as garotas para assumir o controle de suas vidas reprodutiva e sexual e realizarem seu potencial pleno como indivíduos.

As jovens da GPI não escondem quando são ativas sexualmente ou quando contrataram uma DST. Elas dizem francamente que querem fazer os testes de DST e aquelas que têm parceiros afirmam que vão garantir que eles sejam tratados. Algumas mulheres casadas não podem dizer isso.

*Dra. Glorita Archibong, Divertora Médica, clínica da Fundação Faith, Nigéria*

Um exemplo é o de Tina, uma jovem da GPI de 17 anos, que tinha uma amiga de 16

anos que já havia abandonado a escola depois de engravidar. Sua amiga desejava evitar uma segunda gravidez e para isso planejava tomar uma pílula de ervas. No lugar disso, Tina explicou que a camisinha pode evitar a gravidez tanto quanto o HIV/Aids e levou sua amiga para comprar o preservativo.

Temos também uma garota de 13 anos que conseguiu evitar uma mutilação genital feminina, quando sua tia quis fazer essa intervenção na filha. A garota de 13 anos tentou primeiramente falar com a tia. Quando isso não deu certo, ela convenceu a mãe e a arrastou até a casa da tia. Sua mãe persuadiu a tia a desistir do plano. Além disso, muitas jovens da GPI têm evitado que garotas sejam casadas em troca do "preço da noiva".

As aulas da GPI foram iniciadas com 16 meninas em 1994 – nossas filhas e algumas poucas colegas de escola. Passados doze anos, a GPI atinge 50.000 garotas todos os anos por meio de seus centros em quatro estados nigerianos e dos programas comunitários em 28 escolas. Além disso, produzimos um boletim, programas de televisão e rádio, e criamos um Instituto de Desenvolvimento de Gênero que promove discussões sobre a igualdade entre os gêneros entre ONGs, professores,

funcionários governamentais, pessoal da mídia e políticos. A GPI inspirou líderes governamentais e comunitários a assumirem uma posição contra práticas como a mutilação genital feminina. A organização também contribuiu para o Currículo Nacional de Educação da Sexualidade na Nigéria, adotado pelo governo federal no ano 2000 e atualmente está treinando professores para sua implementação.

O resultado são garotas confiantes e bem articuladas nas suas famílias, comunidades e na sociedade mais ampla, que falam por si próprias e por outras. Muitas de nossas novas alunas provêm de famílias que conhecem moças da GPI e desejam dar a suas filhas a mesma formação.

BENE MADUNAGU é co-fundadora e coordenadora conjunta da GPI.

*Sede nacional:*

National Headquarters/Cross River Centre,  
44 Ekpo Abasi Street, P. O. Box 3663,  
UNICAL Post Office, Calabar, Nigéria.

*Tel.:* +234-87-230 929

*Fax:* +234-87-236 298

*e-mail:* mumsybe@yahoo.co.uk

*website:* <http://www.gpinigeria.org>

# Dois gêneros são suficientes? O Museu da Travesti no Peru

GIUSEPPE CAMPUZANO, *Museu da Travesti*

somente para as travestis, mas também para outras pessoas. Muita gente não se encaixa nessas categorias. Você pode ter genitalia feminina, mas sua bunda ou seios podem não ser grandes o suficiente para que seja considerada feminina. Você pode ter um pênis, mas a sociedade pode ter inculido em você um complexo que lhe faz pensar que ele é pequeno demais para você ser um homem adequado. Ou então, seu corpo pode se encaixar perfeitamente no estereótipo de beleza feminina, mas você deseja viver como se espera que um homem viva. As categorias de sexo, como o gênero, são construídas socialmente – ao menos até certo ponto. Como acontece com o gênero, a socialização regula e reprime a diversidade de sexos. Se contestarmos a categorização de todas as pessoas trans, isso pode acabar com a exclusão das travestis e expandir as possibilidades de todas as pessoas.

## Os direitos das pessoas trans e o feminismo – uma luta comum?

As travestis herdaram o pior dos dois papéis de gênero e precisam ficar livres da opressão de gênero. As travestis e outras pessoas trans de todo o mundo trazem novos insights para o pensamento convencional sobre sexo e gênero. Portanto, as reivindicações por direitos das pessoas trans estão intrinsecamente ligadas às metas do movimento feminista. Está na hora de trabalharmos juntas para superar as dicotomias limitantes que restringem todos nós. Na prática, isso poderia significar o seguinte:

- Construir intercâmbio e solidariedade entre ativistas feministas e ativistas trans;
- As feministas devem apoiar os direitos das pessoas trans;
- Reconhecer que pelo menos em parte as categorias de sexos são construídas socialmente e, como os papéis de gênero, podem ser opressivas e podem ser mudadas.

GIUSEPPE CAMPUZANO é diretor do

Museu do(a) Travesti, Las Begonias 2608,

Lima 14, Peru.

Tel.: +51-1-422 5099

e-mail: [gucamp@gmail.com](mailto:gucamp@gmail.com)

website:

<http://www.geocities.com/travestimuseum>.

É INDISPENSÁVEL e urgente que deixemos de ser governados pela noção absurda de que só existem dois tipos possíveis de corpos (masculino e feminino), com somente dois gêneros inextricavelmente associados a eles: homem e mulher. Damos prioridade aos temas transsexuais e intersexuais porque sua presença, ativismo e contribuições teóricas nos mostram o caminho para um novo paradigma, que permitirá a existência de tantos corpos, sexualidades e identidades quantos aqueles que vivem neste mundo possam desajar ter, com cada um deles sendo respeitado, desejado e celebrado.

*Escritório Latino-Americano da Comissão Internacional sobre os Direitos Humanos de Gays e Lésbicas, 2005: 7-8*

## Os colonizadores de 1566 tornam legais as identidades trans

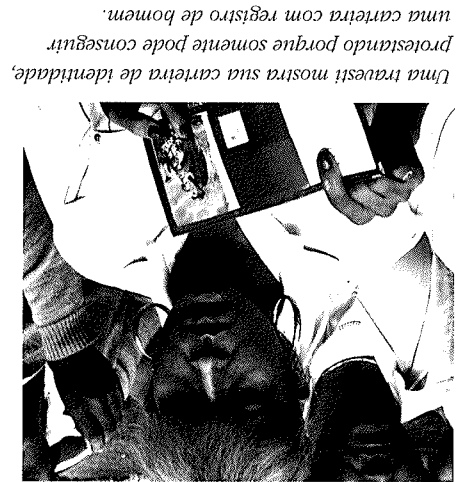
Há quase 500 anos, os colonizadores espanhóis chegaram na América Latina e tomaram o controle do Império Inca. Antes de suas chegadas, existia uma identidade indígena para pessoas que não se viam nem como homem nem como mulher. Os colonizadores proibiram essa identidade, punindo essas pessoas com o acinte e a humilhação pública. Travesti é um termo moderno que descreve na América Latina aquelas pessoas que transitam por gêneros, sexos e maneiras de vestir e surtiu dessa identidade reprimida. Esta repressão teve ecos em outras partes, por exemplo, quando os colonizadores britânicos proibiram os hijras na Ásia Meridional.

## Travestis do século 21 – herdando o pior dos dois papéis de gênero

As travestis atuais herdam o que há de pior dos papéis dos dois gêneros. Nos espaços públicos, são consideradas suficientemente “masculinas” como para serem espancadas pela polícia, enquanto nos relacionamentos, algumas vezes travestis são vistos como masculinos, quando trabalham para sustentar a família; algumas vezes como femininos, quando enfrentam violência, às vezes do próprio círculo familiar. No mercado de trabalho, a discriminação decorre de que o trabalho sexual é quase a única opção possível. No entanto, as travestis estão agora se mobilizando para exigir seus direitos e expandir suas possibilidades.

## Nossa mensagem

O Museu não celebra somente as travestis. Também tratamos de mostrar que a tentativa de categorizar todos seres humanos como homem ou mulher traz problemas não



*Uma travesti mostra sua carteira de identidade, protestando porque somente pode conseguir uma carteira com registro de homem.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## E OUTRAS LEITURAS

Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (GILHRC, 2005) *Institutional Memoir of the 2005 Institute for Trans and Intersex Activist Training*  
<http://www.iglhrc.org/files/iglhrc/LAC/TTIAT-Aug06-E.pdf>,  
 Samelius, L. e Wagberg, E. (2005) *Sexual Orientation and Gender Identity Issues in Development: A Study of Swedish policy and administration of Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender issues in international development cooperation*, Agência Sueca de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, Sida, Documento da Divisão de Saúde  
[http://www.ilga-europe.org/europe/guide/country\\_by\\_country/sweden/sexual\\_orientation\\_and\\_gender\\_identity\\_issues\\_in\\_development](http://www.ilga-europe.org/europe/guide/country_by_country/sweden/sexual_orientation_and_gender_identity_issues_in_development)  
 Win, E. (2004) em *Sexuality in Africa Magazine*, 2004, volume 1

Organização Mundial da Saúde (2004), recursos relacionados à sexualidade [http://www.who.int/reproductive-health/gender/sexual\\_health.html](http://www.who.int/reproductive-health/gender/sexual_health.html)  
 Organização Mundial da Saúde (2005) *The World Health Report 2005 – Make every mother and child count*  
[http://www.who.int/whr/2005/whr2005\\_en.pdf](http://www.who.int/whr/2005/whr2005_en.pdf)  
**Websites úteis**  
 Centros regionais e nacionais de recursos sobre a sexualidade:  
 África: <http://www.arsc.org/>  
 América Latina: <http://www.clam.org.br/publicque/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?pl=home>  
 Ásia Meridional e Sudeste Asiático: <http://www.asiasrc.org/index.php>  
 Europa: <http://www.europeansexuality.eu>  
 Estados Unidos: <http://nsrc.sfsu.edu/index.cfm>  
 Behind the Mask (site GLBT africano): <http://www.mask.org.za>  
 International Gay and Lesbian Human Rights Commission: <http://www.iglhrc.org>  
 International Network of Sex Work Projects: <http://www.nswp.org>  
 Siyanda: <http://www.siyanda.org> (busque por 'sexuality')  
 IDS: trabalho em sexualidade  
<http://www.ids.ac.uk/ids/particip/research/sexrights.html>  
*Notem que todos os endereços Internet eram válidos em novembro de 2006.*

## INBRIEF (Em Resumo)

### De sua opinião sobre esta edição?

E-mail: [bridge@ids.ac.uk](mailto:bridge@ids.ac.uk)

Ou escreva para:

BRIDGE, Institute of Development Studies,

University of Sussex, Brighton BN1 9RE, Reino Unido.

Fax: +44-1273-621202

INBRIEF 18 • Janeiro 2007

## BRIDGE

BRIDGE dá apoio ao trabalho de advocacy de género e aos esforços de institucionalização de formuladores de políticas e profissionais ao diminuir as distâncias entre teoria, política e prática com informações acessíveis e diversificadas sobre género. É um serviço especializado de pesquisa e informações sobre género e desenvolvimento, baseado no Instituto de Estudos de Desenvolvimento (IDS), no Reino Unido. Este In Brief foi produzido com o apoio financeiro da Agência Sueca de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Sida). Também agradecemos a Ajuda Irlandesa (Irish Aid), a Agência Suíça para o Desenvolvimento e Cooperação (SDC), o Departamento de Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (DFID) e, uma vez mais, à Sida por seu apoio permanente ao programa do BRIDGE.

© Copyright: Institute of Development Studies 2007  
 ISSN: 1358-0612

Editoras: Susie Jolly e Emily Espen

Agradecemos à gerente do BRIDGE, Hazel Reeves, pelo apoio editorial e a The White Effect, pela edição de texto. Agradecemos também a Jones de Freitas por esta tradução.

Para mais informações sobre BRIDGE, entre em contato com:

BRIDGE, Institute of Development Studies,

University of Sussex, Brighton BN1 9RE, Reino Unido

Tel: +44 (0)1273 606261 Fax: +44 (0)1273 621202

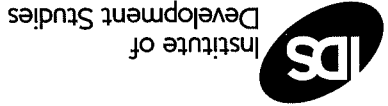
E-mail: [bridge@ids.ac.uk](mailto:bridge@ids.ac.uk)

**Siyanda:** base de dados abrangente sobre género e desenvolvimento

<http://www.siyanda.org/>

**BRIDGE:** faça download gratuito de todos os relatórios, incluindo os

*Cutting Edge Packs* <http://www.bridgeids.ac.uk>



IDS é uma entidade beneficente registrada.  
 Entidade beneficente nº 877338, limitada por garantia e registrada na Inglaterra.

## Cutting edge pack

Estão também disponíveis:

(Kit Avançado) sobre género e sexualidade

Além deste boletim, este kit inclui:

• *Relatório Geral*, com o esboço dos principais temas,

exemplos de práticas inovadoras e recomendações

• *Coleção de Recursos de Apoio*, incluindo resumos das

novas reflexões, estudos de caso, ferramentas, recursos

online e detalhes de contatos com organizações relevantes.

*In Brief* e o *Cutting Edge Pack* também estarão disponíveis

em francês e espanhol no website da BRIDGE ou uma cópia

impressa poderá ser obtida do BRIDGE a partir de fevereiro

de 2007.

